

# IGUAIS NA DIVERSIDADE

Os movimentos sociais estiveram presentes no Congresso na mesa sobre diversidade, uma roda de conversa sobre os erros acertos da militância

Instigados pelo jornalista Antônio Junião, ilustrador da Ponte Jornalismo e ele mesmo, militante do movimento negro, os participantes da roda de conversa A humanidade polí-cromática assim como ela é: quando as águas se encontram trocaram experiências sobre a necessidade – e a dificuldade – de unir a militância social e política na luta contra os retrocessos. “Essa frase, ‘quando as águas se encontram’, eu não sei o que acontece, porque não lembro de ter acontecido”, disse Clayton Abreu, coordenador da Caritas Arquidiocesana de São Paulo, uma entidade que é referência mundial no acolhimento a refugiados, depois de agradecer o convite para um encontro com pessoas de

movimentos tão diversos. “Essa oportunidade é muito rara para mim”, afirmou.

Junião pediu a cada um que contasse uma experiência ruim e outra boa. O desmonte de estruturas de apoio que foram construídas nas últimas décadas e o ataque direto a seus grupos, foi citado por todos eles, assim como a necessidade – e a dificuldade extrema – de união para enfrentar a situação atual. “Nós não vamos soltar as mãos de ninguém. Vou terminar minha fala lembrando da Conceição Evaristo: ‘Se eles combinaram de nos matar, nós combinamos de não morrer’. E vamos sobreviver. Minha luta é pela sobrevivência”, garantiu a militante da Anistia, Amelinha Teles, presa por sua militância contra a ditadura militar. “As ditaduras

que estão vindo estão piores”, disse, sobre a onda de fechamento de conselhos, revisão de normas e decisões autoritárias do atual governo.

“Cada um de nós deve ter chorado, se não chorou para fora, chorou para dentro quando viu que não haveria união das esquerdas”, lamentou a médica e cadeirante Izabel Maria Madeira de Loureiro Maior, referência na defesa dos direitos das pessoas com deficiência, que em seguida aponta uma das razões. “A nossa fragilidade como movimento social está nessa divisão. Por que nós nos subespecializamos – você já falou sobre essa questão, Rita –, mas, ao mesmo tempo, nós também somos muito críticos. Basta errar uma nomenclatura...Se alguém

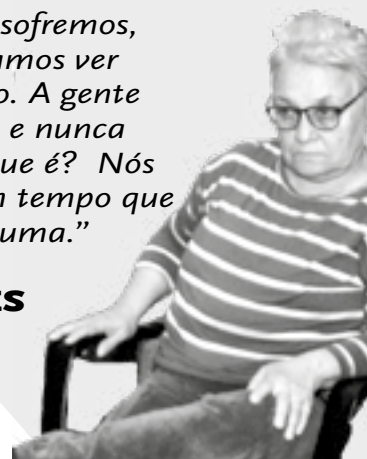


*O Ministério da Justiça e da Segurança Pública decidiu emitir a portaria 666 que define a deportação sumária em caso da pessoa ser perigosa. Ver certos termos em um documento que tem força de lei, nos remete a um estado de exceção. O que seria uma pessoa perigosa?*

**CLAYTON ABREU**

*“O tempo todo nós sofremos, porque nunca chegamos ver o tal do SUS mesmo. A gente sempre passa perto, e nunca vê. A agora, o que que é? Nós estamos vivendo um tempo que não tem regra nenhuma.”*

**AMELINHA TELES**





**ANTÔNIO JUNIÃO** é ilustrador experiente, hoje trabalhando na *Ponte Jornalismo*, e autor da charge que ilustra a capa dessa revista

me chama aqui de pessoa portadora de deficiência vou ficar toda espinhosa. Tem horas que a gente tem que deixar isso de lado”, disse.

A Rita a que Izabel se refere é a drag queen Rita Von Hunter, apresentadora de um canal no Youtube, o *Tempero Drag*, de discussão e formação política. Também convidada para a roda, Rita explicou que estar ali, no salão da “faculdade talvez mais tradicional do país”, já era em si, um ato de resistência e de revolução. “Uma das nossas pautas mais trabalhadas dentro dos movimentos identitários e de resistência às esquerdas é ocupar e resistir”. Ocupar principalmente locais onde a sua presença perturba. “Por que nós estamos sendo agentes de transformação ali”, explica. Ela havia antes, comparado a dificuldade da militância de sair do que Clayton havia chamado de “tarefismo” e olhar em volta, à imagem do cachorro mordendo o próprio rabo. “Existe alguma coisa”, dizia, “que faz com que a pauta identitária esteja sempre debruçada sobre si”.

Rita aponta o domínio do Youtube, – uma plataforma recente e em tese, democrática – pela direita e extrema direita no Brasil e a falta de reação da esquerda a esse movimento: “E onde nós estávamos? Se o Lênin estivesse vivo, ele estaria no Youtube. Quem sabe do que estou falando, sabe do que estou falando. O Marx e o Engels tiveram papel panfletário com a classe trabalhadora na Inglaterra. *Formação da Classe Trabalhadora da Inglaterra*, o livro, foi feito com visita de campo, com trabalho de panfletagem. E onde nós estávamos?”, pergunta.

A roda contou ainda com um pastor, Ariovaldo Ramos, um dos fundadores da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, que encerraria as discussões no centro de um debate a respeito da ação das igrejas nas favelas (leia na página 50), ocorrido logo após as apresentações. ■



### IZABEL MAIOR

*“Essa história de dizer: direitos humanos só aparece quando é bandido. Gente, como eu tenho implicância com isso! Direitos Humanos não é coisa de bandido, é coisa de cidadão. Essa é a máxima que temos de levar.”*

## RITA VON HUNTER

em *Drag Me as a Queen*



“Apresento um programa na TV a cabo, o *Drag Me as a Queen*. Estamos indo para a terceira temporada, começou há 3 anos. É feito com a Lei de Incentivo à Cultura da Ancine, um programa de captação de verba por meio de abatimento de impostos. A direção é feita por uma mulher negra e trabalha vivências, performances de gênero, violência e traumas. É o primeiro da América Latina a ser apresentado por drag queens e foi o primeiro do grupo NBC, feito no Brasil, a ser exportado. Passa do México à Patagônia. A gente recebe diariamente mensagens de mulheres que ao se sentirem ou verem tocadas pelo programa, começam a pensar sobre questões, a exercitar tipos de vivências, posturas etc. O programa não vai mais acontecer, porque a gente está vivendo censura a uma série de conteúdos LGBT pelo governo. Recentemente ficamos sabendo de vetos baseados no critério que é conter as palavras LGBT, gênero, sexualidade.”

**Nota da redação:** A terceira temporada do programa estava sendo gravada até março de 2020, quando foi suspenso por conta da pandemia. A previsão é de volta quando os contágios estiverem controlados.